

A *LIÇA* E AS REPRESENTAÇÕES EM TORNO DO SERTÃO NO CARIRI CEARENSE: POR UMA HISTÓRIA INTELLECTUAL DOS SERTÕES¹

THE NEWSPAPER *A LIÇA* AND REPRESENTATIONS AROUND THE SERTÃO IN CARIRI CEARENSE: FOR AN INTELLECTUAL HISTORY OF THE SERTÕES

Johnnys Jorge Gomes ALENCAR*

Resumo: Neste trabalho, busca-se analisar como se constituíram representações em torno dos sertões a partir da publicação do jornal *A Liça* (1903) na cidade do Crato, localizada no sul do estado do Ceará. O periódico aqui analisado foi editado por José Alves de Figueiredo (1878-1961), poeta, farmacêutico, intelectual e membro do Club Romeiros do Porvir, agremiação literária da qual o jornal era órgão. Analisa-se, portanto, como a noção de sertão/sertões foi veiculada pelo jornal; à quais elementos essas noções foram relacionadas quando colocadas em circulação; e, como os intelectuais da agremiação Romeiros do Porvir interpretaram essa categoria à luz da realidade cratense. O jornal *A Liça* (1903), objeto de exame nesse trabalho, é a principal fonte. As análises aqui propostas são realizadas a partir dos domínios temáticos e teóricos do que se nomeia neste trabalho, ainda que de forma ensaística, de História Intelectual dos Sertões.

Palavras-chave: História Intelectual; História dos Sertões; Jornal *A Liça*; Representação; Romeiros do Porvir.

Abstract: In this work, we seek to analyze how representations were formed around the sertões from the publication of the newspaper *A Liça* (1903) in the city of Crato, located in the south of the state of Ceará. The journal analyzed here was edited by José Alves de Figueiredo (1878-1961), a poet; pharmacist, intellectual and member of Club Romeiros do Porvir, a literary association, which the newspaper was an organ. Therefore, it is analyzed how the notion of sertão/sertões was conveyed by the newspaper; what elements were these notions related to when putting into circulation; and, as the intellectuals of the Romeiros do Porvir association interpreted this category in the city of Crato. The newspaper *A Liça* (1903), the object of examination in this work, is the main source. The analyses proposed here are carried out from the thematic and theoretical domains of what is named in this work, albeit in an essayistic way, of the Intellectual History of the Sertões.

Keywords: Intellectual History; History of the Sertões; *A Liça*; Representation; Romeiros do Porvir.

Introdução – Cariri, “o coração do Ceará”

* Mestrando em História – Programa de Pós-graduação em História dos Sertões - Centro de Ensino Superior do Seridó - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Caicó. Caicó, RN - Brasil. Bolsista CAPES/DS. E-mail: johnnysjalencar@gmail.com.

As palavras sertão e sertões foram, desde o período de expansão marítima portuguesa, utilizadas para nomear, caracterizar, delimitar e produzir sentidos para diversas espacialidades. O olhar do colonizador nomeou como sertão as realidades que julgavam estranhas, exóticas, distantes, incivilizadas, incultas e selvagens. As apropriações e circulações das representações mobilizadas em torno desses conceitos, e das espacialidades que estes passaram a nomear, ainda hoje nos causam problemas nas suas definições por serem diversas, múltiplas e constantemente apropriadas por novas práticas culturais.

Os intelectuais tiveram papel importante sobre as apropriações e as representações que foram elaboradas e mediadas em torno desses conceitos e espacialidades que são nomeadas enquanto experiências sertanejas. Na cidade do Crato², localizada no sul do Ceará, os intelectuais (homens letrados, mediadores culturais, jornalistas, poetas) e a elite senhorial (fazendeiros, donos de engenhos, políticos), se comprometeram desde meados do século XIX em construir representações em torno do sertão para que assim pudessem distinguir o Cariri daquilo que eles davam a ler enquanto espaços sertanejos. A construção de uma identidade para o Cariri cearense, enquanto região, se relacionou, ainda que por oposição, às noções de sertão. O termo Cariri apareceu independente dessa ideia, pois é justificado pela população indígena (kariri)³ que habitava majoritariamente aquele território antes do processo de colonização, no entanto, não se pode entender o desenvolvimento semântico desse conceito, que nomeia um território no interior, sem entender as relações de diferenciação estabelecidas pelos intelectuais com o sertão.

Segundo Erivaldo Fagundes Neves (2003), as concepções em torno da ideia de sertão, produzidas e mais aceitas ao longo processo de colonização no Brasil, se misturam e formam um conceito que é espacial, econômico e social. Se associa aos conceitos geográficos, semi-árido; econômico, a pecuária; percepção espacial, o interior; e, noutra social, enquanto região pouco povoada (NEVES, 2003, p. 156). O Cariri cearense, no qual a cidade do Crato está inserida, ficava localizado no interior da Província do Ceará, depois Estado do Ceará, numa região de semi-árido. Para deslocar o Cariri cearense do sertão, desejo das elites regionais e intelectuais, principalmente, nos séculos XIX e XX, foi necessário que se elaborassem outras representações em torno dessa noção. Definições para além do sertão em oposição ao litoral.

Os usos da natureza no Cariri, operacionalizados pelos intelectuais da cidade do Crato, foi elemento importante para as contraposições em relação ao sertão. Ainda no século XIX emergiram ideias do Cariri cearense como o “oásis do sertão” e “celeiro dos sertões”, pois, nessas leituras, além de ser tomada como espacialidade diferente, privilegiada, expressava a ideia de importante refúgio para os habitantes sertanejos das localidades limítrofes. Essas

noções ganharam ainda mais força quando utilizadas com finalidades políticas pela classe senhorial, com o propósito de controle dos trabalhadores e manutenção da ordem social (REIS JUNIOR, 2014). No século XX, Irineu Pinheiro ([1950] 2009, p. 07) chegou a caracterizar o Cariri como “uma zona à parte no interior do nordeste”.

Entre as representações em torno do sertão, e do Cariri cearense, destacamos as que foram localizadas no início do século XX. Tratamos de analisar como o jornal *A Liça*, com publicações semanais no ano de 1903, colocou em circulação ideias de sertão/sertões ao longo de suas publicações. Devemos levar em conta que o jornal aqui analisado é “*orgão*⁴ do Club Romeiros do Porvir”, agremiação com finalidades artísticas e literárias fundada no ano de 1900, por Soriano de Albuquerque⁵. Os romeiros “clubistas” cultuavam um “fanatismo” consciente em torno das letras e das artes e, portanto, distanciavam-se dos Romeiros do Padre Cícero representados naquele contexto como “bárbaros e incivilizados”. Soriano foi importante para a construção das representações aqui analisadas e, também, um dos intelectuais que contribuiu para construir/manter a oposição entre o sertão e o Cariri.

Em 1904, Soriano de Albuquerque não era mais membro efetivo no Club Romeiros do Povir, mas ainda fazia parte das redes de sociabilidades construídas em torno daquele grupo. Mesmo depois de sua saída da cidade do Crato costumava se corresponder com José Alves de Figueiredo⁶, Manuel Belém de Figueiredo e outros intelectuais da cidade do Crato, como foi possível mapear nas edições do jornal *A Liça*. Nesse ano, esse jovem, porém já conhecido intelectual publicou um trecho de um romance no Almanaque do Estado do Ceará. Não temos notícia que o romance completo tenha sido publicado. Sob o título “O Cariry” foi realizado descrições que exibiam a natureza daquela região e alimentava os discursos em torno dos aspetos naturais como o principal elemento de identificação daquela espacialidade. Dessa maneira, podemos ler no original:

Quem pela primeira vez pisa o solo caririense não pode deixar de sentir-se empolgado por essa sugestão contemplativa, por essa visão deliciante, a menos que não seja um indiferente aos **aspectos sedutores da natureza**. Na verdade, **é o coração do Ceará o Cariri**, como já o qualificaram; coração golfando vida, **palpitando quando mesmo o Ceará como se anquiloza** ao flagelá-lo a implacabilidade do sol...⁷ (ALBUQUERQUE, 1905, p. 168) [Grifo nosso].

As representações em torno do Cariri cearense, veiculadas na publicação de Soriano, são lidas por nós como dimensão importante. Entendemos, assim, como o sertão foi apropriado por aquele intelectual para compor uma identidade em reelaboração no início do século XX. Destacamos, assim, dois apontamentos realizados pelo autor nesse trecho, e que se completam

entre si. A primeira diz respeito aos aspectos naturais, apresentados como capazes de proporcionar uma “visão deliciante” e, por isso, diferente de todos os arredores; na segunda, entendemos o Cariri como distinto do Ceará, embora territorialmente seja parte do Estado, as condições climáticas eram responsáveis por esse distanciamento. É possível perceber como essas oposições foram estabelecidas em outro trecho do texto, onde, narra-se que “os viajantes haviam ultrapassado os limites dos campos mirrados do sertão, das áridas extensões por vezes pedregosas, e entrado na região ubérrima do Cariry” (ALBUQUERQUE, 1905, p. 168). Nesse caso, a narrativa de Soriano coloca o Cariri separado do sertão, seja por sua natureza ou por sua condição climática.

Para compreendermos quais usos são realizados da palavra “sertão”, e das noções em torno desse conceito, pelos intelectuais no Cariri cearense e a que elementos essa categoria se vinculou no início do século XX utilizaremos uma fonte principal. Tratamos do jornal *A Liça*, periódico que circulou semanalmente na cidade do Crato no ano de 1903, composto por 4 páginas e editado em três colunas. Foram analisados, neste artigo, os 12 números do jornal disponíveis para acesso na Biblioteca Municipal Governador Menezes Pimentel, na cidade de Fortaleza. *A Liça* foi um jornal produzido na cidade do Crato, Ceará, sob a redação de José Alves de Figueiredo, intelectual que se destacou no meio jornalístico por ter sido responsável pela criação e edição de jornais. Podemos nos referir a este semanário como um jornal “litterario e noticioso”, segundo o próprio editorial de apresentação⁸.

Este trabalho é fruto da pesquisa que está em desenvolvimento, em nível de mestrado, no Programa de Pós-Graduação História dos Sertões (UFRN) e que busca responder, como o Club Romeiros do Porvir construiu e circulou representações a respeito dos integrantes do grupo, enquanto intelectuais, e em torno da cidade do Crato e do Cariri, utilizando o sertão como oposição? Para isso, sentimos a necessidade de entender como o sertão foi representado e colocado em circulação por meio do jornal *A Liça*, tendo em vista que a imprensa se mostrou como uma das atividades essenciais para divulgação das ideias e ideais do grupo.

Essa discussão ganha relevância quando entendemos que desde o século XIX se elaboram discursos em torno do Cariri cearense e da cidade do Crato, região interiorana, julgando que aquela parte do sul cearense não poderia ser denominada de sertão, onde podemos destacar como exemplos os escritos administrativos, políticos, relatos de viagem e a literatura, produzidos no, e para, o Cariri. No entanto, notamos a necessidade de entender como essas análises podem ser estruturadas em um âmbito maior e melhor definidas, a partir de outras realidades sertanejas. Devemos levar em conta também que os estudos encarregados de pensar as representações em torno dos sertões foram, em sua maioria, elaborações com o olhar de fora,

nesse caso, trata-se de uma inversão do ponto para qual olhamos, mas também de onde definimos esse olhar. Propomos, a partir de diálogos com a História Intelectual, nesse caso à luz de Jean-François Sirinelli (1996), que os intelectuais e/ou mediadores culturais foram/são grandes responsáveis em produzir e fazer circular representações em torno dos sertões. Os sertões alvo de leituras e representações são territórios em constantes conflitos, seja em nome da civilização, modernização, pacificação, organização, ou mesmo no campo semântico, onde formas de ver e dizer são importantes para alguns grupos, responsáveis por nomear espaços sobre esse termo e afastar outros dessa pecha.

Definir um conceito e um campo: a problemática dos sertões e de uma História Intelectual dos Sertões

O termo sertão implicou, desde os seus primeiros usos, uma pluralidade de sentidos, espaços, relações sociais e experiências culturais. O aparecimento do termo, segundo Tiago Bonato (2010, p. 16), remete aos primeiros relatos a respeito do novo mundo. Nos escritos de Pero Vaz de Caminha, ao descrever as terras americanas ou em Diogo do Couto e João de Barros, ao relatarem os feitos portugueses no Oriente, os termos sertão e sertões já se faziam presentes e acompanharam, portanto, os viajantes para nomear territórios distantes, distintos e diversos. Fossem terras do Ocidente ou do Oriente, o fato de serem desconhecidas pelos europeus às uniu sob um único signo: sertões.

O termo sofreu modificações na América portuguesa, começou a ser definido com maior precisão ao longo do processo de colonização. Mais que uma localização geográfica, o sertão a partir do século XIX, representado e construído no território brasileiro, ganhou conotações históricas, sociais, culturais e climáticas. Os significados e sentidos construídos durante essa periodização e também reformulados durante a formação do Brasil como nação independente estiveram identificados a uma espacialidade, identificada em um conjunto semântico que conferia a essa palavra desígnios de atraso, barbárie e incivilidade. Por um lado, pelas práticas violentas, personalistas, fanáticas e míticas, por outro, pelo espaço despovoado, de baixa densidade demográfica incapaz de construir uma civilização própria. (CÂNDIDO; NEVES, 2017). O espaço que deve ser modificado, civilizado, sempre alvo de projetos, um problema para a nação, para a ordem, para o progresso e para a civilização. Portanto, Janaína Amado (1995, p. 149-150), chama atenção para a inversão dessas concepções, em alguns casos. O sertão ao mesmo tempo em que foi o ambiente hostil e inóspito representava também a esperança e a liberdade para os perseguidos pelas autoridades. Sertão como inferno ou paraíso, deveríamos levar em conta, então, quem falava e de onde falava.

Ainda no século XIX, os elementos naturais foram importantes artifícios para as produções intelectuais que pensaram o território nacional a partir de uma época e lugar sobre influências semelhantes. Ler a ideia de sertão no pensamento social brasileiro, na passagem do século XIX para o XX, nos levou a entender como essa dimensão foi importante para a definição do próprio conceito. Consideramos ainda, que as ideias de sertão desassociadas das ideias de natureza, nesse período, se esvaziam de sentido em boa parte desse percurso semântico, preocupado em conceituar e criar imagens para espacialidades assim nomeadas. Luciana Murari (2007), Maria Elisa Mäder (2008), Dawid Bartelt (2009) e Lucia Lippi Oliveira (2015) destacaram como importantes discursos sobre o sertão, e sobre a construção de uma identidade nacional, estiveram amparados nos usos que se faziam do mundo natural.

Destacamos como os elementos naturais são fundamentais dentro do recorte por nós estudados para entendermos como elementos diversos foram convocados para criarem e fazer circular representações em torno do Cariri cearense, sob o pretexto de que o mundo natural naquele espaço não pertencia ao sertão. No caso das publicações do jornal *A Liça*, explorados na próxima seção desse trabalho, os elementos da paisagem natural foi o principal recurso utilizado para estruturar as representações em torno do sertão na cidade do Crato. A paisagem natural do Cariri cearense, que abrigava a Chapada do Araripe e um conjunto de recursos hídricos (nascentes e rios perenes), foi colocada em oposição à outra, entendida como sertaneja, onde predominava uma vegetação rasteira e escassez de água.

Mesmo com as dificuldades de definição do termo e da falta de consenso sobre quais elementos melhor representam os sertões podemos compreender que alguns apontamentos se fazem necessário para identificarmos o que entendemos por sertão, e assim, a que nos referimos quando mencionamos um campo que intitulamos de História Intelectual dos Sertões.

Para além das relações sociais que foram fundamentais na construção e alteração semântica do conceito de sertão os conteúdos veiculados em torno desses termos também ganham espaço importante nas formas em que essas concepções são apropriadas e representadas ainda hoje. Desse modo, o exercício aqui empreendido se encarrega de pensar como os intelectuais e/ou mediadores culturais foram/são importantes na construção e circulação de representações em torno dos sertões, ou de experiências que se aproximam da realidade sertaneja. Ainda, dialoga com os interesses disputados em torno dessas categorias e dos espaços que podem ser por elas nomeados.

A dimensão da História Intelectual dos Sertões surge mais como um conjunto de possibilidades teórico-metodológicas para se pensar um objeto, do que simplesmente a escrita da história sobre um recorte entendido como sertão, ou por pensar elementos ditos sertanejos.

Preocupamo-nos, sobretudo, em questionar como os intelectuais criaram representações e ou circularam sobre o sertão e no sertão. Por intelectuais, ou simplesmente mediadores culturais, compreendemos, a partir de Jean-François Sirinelli (1996) e Angela de Castro Gomes em trabalho conjunto com Patricia Hansen (2016), como sendo os sujeitos criadores e/ou mediadores socioculturais, sendo também, os atores sociais que assumem pontos de intervenções e destaque nos espaços no qual se encontram inseridos. Dessa forma, as duas concepções estão entrelaçadas, visto que compartilham elementos comuns de legitimação.

Desde os primeiros empregos da palavra sertão, associados à expansão marítima, diversas espacialidades foram nomeadas por esses termos, e muitas outras que não foram poderiam ter sido, por terem experiências sociais e geográficas semelhantes. A partir dos estudos de Maria Elisa Mäder (2008) podemos entender como é possível que outras experiências dialoguem com os sertões, como os espaços nomeados de “pampas”, na Argentina, ocupados pelos “gaúchos”, que se une pelas representações pejorativas. Leva-nos a entender ainda, a América formulada como um conjunto de espaços vazios nos interiores de cada Nação que deveriam ser civilizados (MÄDER, 2008). Dessa forma, o conceito de sertão, associado a um campo de saber, deve ser pensado em outras dimensões para além de identificação com um território, visto que mais do que o termo, as formas e os conteúdos utilizados para se referir aos interiores americanos tiveram sentidos e intenções políticas semelhantes.

Os movimentos intelectuais que se dedicaram a escrever sobre o sertão, e elaborar representações em torno dessas experiências, atuaram em grande maioria de fora para dentro. Grande parte dos representantes do pensamento social brasileiro que se debruçaram sobre o tema adotou esse modelo. Outros grupos de intelectuais, principalmente os encarregados de construir discursos regionalistas e criar identidades para esses espaços tentaram, em certa medida, apresentar os sertões a partir de outras leituras. O constante confronto de representações em torno do sertão ganhou pelo menos duas concepções, as que tentavam negar experiências sertanejas, como o caso por nós trabalhado com o Club Romeiros do Porvir, a partir das publicações no jornal *A Liça*; e, as que identificaram ser possível criar outras imagens a partir da menção dos termos e das espacialidades que estes nomeiam, como nas análises realizadas por Valter Santos de Oliveira (2015), destinadas a analisar textos de memorialistas e artigos da imprensa em cidades baianas próximas de Canudos responsáveis por criar imagens positivas dos sertões da Bahia.

Ainda para entender como podemos operacionalizar essas propostas dialogamos com Lucia Lippi Oliveira. Na busca de entender as narrativas sobre o Oeste brasileiro realizou considerações importantes na temática e na forma de conduzir a pesquisa. Desse modo,

interessou a esta pesquisadora compreender as ideias de sertão presentes no mundo intelectual a partir do pensamento social. Os sertões foram nomeados, tematizados, representados pelo mundo letrado e intelectual, narrativas foram construídas em torno desses meios como instrumentos para manter a ordem e a organização (OLIVEIRA, 2015).

O historiador Eduardo de Melo Salgueiro (2017) também serviu inspiração para a elaboração dessa proposta e discussão com o grupo de intelectuais aqui em estudo. As análises que versam em torno das representações dos sertões do Mato Grosso dialogam com as nossas por entender que existiu uma produção intelectual por parte imprensa que tentou em grande medida fugir de estigmas em torno dos espaços mato-grossenses. A ideia que aquele território poderia ser associado às noções de sertão, e assim às de atraso, incivilidade e barbárie se tornou uma questão “incômoda”, como o próprio Eduardo Salgueiro nos sugere (SALGUEIRO, 2017, p. 269).

A História Intelectual dos Sertões pode ainda render percursos em torno das articulações que compreendem as formas de representar e circular imagens sobre espacialidades mais diversas. Os mediadores culturais que se apropriaram das artes como literatura, artes plásticas, cinema, fotografias, música e outras, por exemplo, estão inseridos em redes de sociabilidades e mediar conceitos de sertão soam, nesse caso, como atividades sócio-políticas importante para esses grupos.

Evandro dos Santos (2019, p. 445) em texto recente, discute sobre a diversidade historiográfica e pensa como escrever e reconhecer histórias dos sertões a partir de novas e velhas epistemologias. Para realizar essa tarefa e propor uma área de estudos sugere a necessidade de retomar debates epistemológicos e políticos que acompanham os campos já consolidados. Nesse percurso, o autor defende as aproximações sustentadas pela proposta de uma História dos Sertões com a área específica dos estudos pós-coloniais. O autor ainda se preocupa em pensar outras formas de se apropriar dessas noções, pois existe uma predominância de ver os sertões tematizados pelas diferentes historiografias a partir dos recortes espaciais como, o nacional e o regional (SANTOS, 2019, p. 446).

Representações do sertão/sertões pelos intelectuais da cidade do Crato no início do século XX

O Jornal *A Liça* (1903), “órgão do club Romeiros do Porvir” e redigido por José Alves de Figueiredo, como o próprio nome indica era um espaço de discussões, de entrar em ação e travar combates, sobre temas que foram julgados como importantes. Ou melhor, “vimos nos colocar na arena onde se degladiam os velhos e laureados campeões”, como foi divulgado no editorial de apresentação pelos redatores. Era, também, o momento de “rasgar este veio que nos

tem segregado do convívio dos grandes magnates da imprensa por meio da ‘A Liça’” (A LIÇA, 08/07/1903, nº 1, p.1).

O Club Romeiros do Porvir foi uma agremiação de jovens mantida por “uma turma de Clubistas”⁹ que firmaram laços no ano de 1900 em torno de aspirações artísticas e literárias. Na transição do centuário XIX para o seguinte, aquele grupo configurou um dos espaços de sociabilidade mais notáveis frente às relações desenvolvidas na cidade do Crato. Manuel Soriano de Albuquerque, um dos fundadores do grupo, esteve à frente daquele grêmio entre os anos de 1900 e 1902, se destacou por sua atuação na imprensa, na educação e no mundo das artes, além de atuar, entre esses mesmos anos, como juiz substituto naquela cidade. Segundo Raimundo de Oliveira Borges (1995, p. 203), Soriano de Albuquerque “semeou [...] a semente da instrução e da cultura intelectual” na urbe cratense.

Em 1903, quando o jornal *A Liça* foi levado à cena, Soriano de Albuquerque não fazia mais parte do grupo como membro efetivo, pois devido a desentendimentos com o Coronel José Belém, chefe político do Partido Republicano Cratense e Intendente Municipal da cidade, havia se mudado para Barbalha. As longitudes territoriais não chegavam a três dezenas de quilômetros, Barbalha era uma das cidades vizinhas. Foram então, as querelas políticas alimentadas entre Belém e Albuquerque, responsáveis por criar distâncias e barreiras nessa relação. *A Liça* somente se tornou uma necessidade para o grupo depois desses episódios. Logo, a redação do jornal ficou sob os encargos dos membros que estavam presentes no corpo efetivo da agremiação.

Durante os anos que Soriano esteve à frente do Club Romeiros do Porvir foi o principal editor do jornal *Cidade do Crato*, que tinha como redator-chefe o mesmo Coronel José Belém. O espaço ocupado por ele naquela redação lhe colocava como “encarregado da parte intelectual” e essas publicações teriam suprido as demandas de publicações que o grupo teve durante aquele período, pois o mesmo era o principal representante da agremiação naqueles anos iniciais. A saída de Soriano da redação do jornal *Cidade do Crato* implicou a perda de um espaço de publicação por parte do grupo. Embora o programa editorial do jornal *A Liça* se assemelhe bastante com o mantido até então no semanário *Cidade do Crato*, o caráter de ser um órgão de publicação organizado pelo grupo e para atender os interesses do grupo fazia com que as publicações estivessem diretamente de acordo com as discussões em suas reuniões semanais. Sendo entendido pelo grupo como “órgão de representação no seio da nossa sociedade” (A LIÇA, 08/07/1903, nº 1, p.1), o Club Romeiros do Porvir.

Como já apresentado desde o início, os intelectuais tiveram contribuições fundamentais na elaboração e circulação das ideias de sertões que foram comunicadas em cada temporalidade específica, inclusive na concepção que esses conceitos carregam até hoje.

No jornal *A Liça*, entendido por nós como veículo das ideias de um grupo de intelectuais, a palavra sertão apareceu poucas vezes nas edições por nós consultadas. Para ser mais preciso existem apenas duas ocorrências ao longo dos 12 números. A primeira menção ocorreu no número 06 do jornal em uma coluna intitulada “Açudagem”, a segunda ocorrência se encontra no número 07, mas também disposta na mesma coluna. Nossas análises e resultados não foram prejudicados por conta das poucas menções diretas às noções de sertão/sertões, pelo contrário, as poucas referências realizadas à essas palavras, e a ausência desses termos em boa parte do jornal, nos ajudam a compreender em que forma e medida as representações do sertão foram realizadas pelo grupo, através do jornal, e quais os elementos colocados em circulação para se tratar das ideias em torno desses conceitos.

O desejo de contribuir para a construção de uma cidade moderna, civilizada, letrada e intelectualizada fazia parte dos projetos estabelecidos pelos Romeiros do Porvir como atividades do grupo. Manter uma companhia teatral, criar uma biblioteca com acesso público, realizar exposições cinematográficas e editar um jornal justificava o próprio nome do grupo. Os Romeiros do Porvir se sentiam construtores da cidade, ao mesmo tempo apresentavam elementos responsáveis por distinguir o Crato das demais aos seus arredores, uma “cidade futura”, sobretudo.

Uma questão destacada por nós nesse percurso é que essas representações elaboradas pelo grupo contribuíram para a construção de uma identidade à cidade do Crato e ao Cariri cearense e circuladas em grande medida pelos próprios projetos que o grupo mantinha. Carlos Altamirano (1998) nos ajuda entender que as identidades construídas por um pensamento intelectual sempre se estabelecem na alteridade. Para os intelectuais da cidade do Crato nomeá-la como um espaço distinto foi eleger os arredores do Cariri cearense enquanto um espaço diferente, seco, incivilizado, de uma natureza perversa: sertão. A noção de sertão é convocada para a construção de uma identidade do Cariri e do Crato, mas não como identificação e sim como diferenciação. O Cariri e a cidade do Crato são opostos a essa espacialidade.

Boa parte das contraposições que foram operacionalizadas na relação Cariri-Sertão nos lembra de outras como: litoral-sertão, civilização-sertão. São produzidas sempre num jogo de diferenciação, onde um reflete a imagem invertida do outro, nesse caso, são estabelecidas essas distinções em torno dos aspectos naturais que a região do Cariri cearense possuía/possui.¹⁰

Identificamos, desse modo, que os elementos colocados em circulação pelos membros do Club Romeiros do Porvir para produzir identidades em torno do Cariri mobilizavam aspectos dos modos de viver no moderno, como já citados anteriormente, no entanto, quando a ideia é distanciar o Cariri cearense dos sertões os aspectos climáticos e os elementos da natureza ganham destaque. As ideias e os usos que se fazem da natureza naquele momento são de fundamental importância para as próprias noções de sertão que são colocadas em circulação por aquele grupo.

As publicações que expressavam o trabalho de produção intelectual mais elaborado do grupo ficavam sempre localizadas na primeira página, iniciadas na primeira coluna e que na maioria das vezes tomavam todo o espaço daquela página de frente, em alguns casos avançavam para a página seguinte. Entre os 12 números consultados pudemos destacar as colunas que foram veiculadas pelo grupo como linha de frente. Nos dois primeiros números foram publicados textos que diziam respeito ao aparecimento do jornal, a publicação do programa da redação, as finalidades daquele periódico e agradecimentos pela boa recepção que o jornal desfrutou, textos sob o título de “O nosso aparecimento” e “Gratos”, respectivamente. No terceiro número, com a coluna “A via-ferrea”, o grupo iniciou publicações que mobilizaram elementos do viver moderno e que se vincularam com as primeiras noções de interior e civilização¹¹. No número quatro, com uma coluna intitulada de “Leão XIII” é realizada uma publicação em memória desse “homem de rara virtude” (A LIÇA, 29/07/1903, nº 4, p.1) que havia falecido. O calendário cívico também é objeto de discussão pelo grupo e no quinto número do jornal é realizada rememoração do “31 de julho” no Ceará. A coluna “Açudagem” estampa os três números seguintes ocupa a primeira página nas edições seis, sete e oito. Essa coluna ocupa lugar importante em nossas análises, primeiro por se tratar da única coluna em que a palavra “sertões” aparece, depois por se tratar de uma coluna que se repete na primeira página. “Pelas matas” é o texto que inaugura a leitura da nona edição e que dialoga de forma evidente com a coluna anterior, publicada nos três números que antecedem essa publicação. As relações estabelecidas pela natureza e cultura, apresentadas nessas colunas, nos ajudam a compreender formas de tecer melhores convivências nos interiores cearenses. Nos números 10 e 11 o elemento cívico volta a aparecer sob o título de “07 de setembro” e “Liberdade”, esse último em defesa e alusão ao 15 de novembro. “A imprensa” foi a última coluna por nós analisada e se encontra na edição de número 12, trata-se, portanto, de apresentar a imprensa como um poderoso instrumento de progresso e civilização, sobretudo, para os territórios longe dos centros culturais da época.

Ficam implícitas, nessa rápida apresentação, as representações dos sertões mediadas pelos membros do Club Romeiros do Povir a partir do jornal *A Liça*. Optamos inicialmente, desse modo, a trabalhar com as representações que foram colocadas em circulação onde os termos se fazem presentes, para que assim, possamos visualizar sobre quais elementos estão sendo associadas essas concepções. Em 12 de agosto de 1903, a palavra sertão é mencionada pela primeira vez nas páginas do jornal *A Liça*. O texto que inaugura a coluna “Açudagem” é assim apresentado pelos editores do jornal:

É cousa dogmatica: o Ceará está condemnado eternamente ao flagelo tremendo das seccas. [...] Cahem as primeiras chuvas, a semente grela, mas, apenas abrem-se as primeiras folhas, os ventos desviam o curso das nuvens e o sol verberando a prumo raios de fogo em pouco tempo reduz tudo a pó, incinera tudo. Começa então o horrendo cataclysmo: a criação mumifica-se, nas florestas parece que lavrara um incendio devorador e cruel, a terra escalda os pés do viandante, o vento que d’antes era galerno sopra qual siroco maldito (A LIÇA, 12/08/1903, nº 6, p.1).

Os episódios da seca dos anos de 1877, 1878 e 1879 e as narrativas decorrentes daquele acontecimento fizeram com que o Ceará passasse a ser identificado como um território condenado ao flagelo¹². Por suas condições climáticas e por suas florestas que mais pareciam ter sido incineradas foram algumas experiências divulgadas de maneira generalizante e que ilustravam uma das imagens de sertão que os Romeiros do Povir alimentavam nas suas representações. Ainda na mesma edição destacamos que,

Brandam todos os jornaes, clamando soccorros, relatando os factos com um colorido de sangue. Os soccorros que apparecem apenas salvam uma pequena parte da população morrendo as outras á mingua do pão. E que têm feito os poderes competentes em nosso beneficio, com o fim de evitar os efeitos desse pesado castigo que periodicamente peza sobre nossas cabeças? Quasi nada, apenas alguns kilometros de via-ferrea e um açude na zona pedregosa do Quixadá, que não se presta à agricultura. **E a seca lavra actualmente em nossos sertões com todo seu cortejo de horrores** (A LIÇA, 12/08/1903, nº 6, p.1) [Grifo nosso].

O problema “em nossos sertões”, de acordo com a redação do jornal, foi a seca. Nos trechos destacados é possível identificar Ceará, seca e sertão como palavras interligadas, organizadas em um mesmo campo semântico e como aparato para a sedimentação de uma concepção de sertão. Nesse caso, o sertão ainda é marcado pela omissão política. Mesmo com o empenho de “todos os jornaes, clamando soccorros”, quase nada foi realizado. A via-férrea e o açude foram medidas insuficientes. O açude foi construído em uma zona imprópria para a produção agrícola, a via-férrea, naquele contexto, ainda adentrava pouco ao território sertanejo. As críticas aos recursos empregados soavam também como um protesto pela falta de

investimentos no Cariri cearense. A estrada de ferro era uma promessa para o sul do Ceará desde o último quartel do século XIX, que diferente das demais regiões do estado, deveria exportar sua produção para outras regiões interioranas do estado, apontadas enquanto necessitadas: os sertões. Quanto aos açudes, seria no Cariri onde os melhores investimentos seriam realizados nesse sentido, ainda segundo o editorial, pois é uma zona vocacionada para a produção agrícola.

Pobre Ceará moderno no Prometheu quando encontrarás quem te liberte do grillão da miséria, quem te livre do abutre do infortúnio que corrêo continuamente?!... [...] E como os ingleses resolveram o grande problema das seccas por meio dos grandes açudes, deveria o nosso governo, **fazendo despesas inutis pela Capital Federal pelo sul da republica, dispor-se energicamente a vencer a natureza ingrata do norte**, abrindo creditos para a açudagem; e encarregando desta obra homens de reconhecida competencia na materia, os quaes percorrendo todo o estado, reconhecessem os locaes próprios para este *desideratum*, tendo em mente enriquecer estes vastos campos fertis e productores. Aqui no Cariry fonte de todos os viveres que abastecem esta zona atacada pela secca e antigamente celeiro de **todos esses sertões dos estados circunvisinhos**, ha bons locaes apropriados para açudes, os quaes, seriam feitos com emprego de pouco dinheiro pela facilidade que apresenta a configuração do solo. Mostramos como exemplo um optimo logar no valle dos Caraes, neste valle tão fertil e já tão conhecido pela grande quantidade de arroz que produz nos annos de inverno (A LIÇA, 19/08/1903, nº 7, p.1) [Grifo nosso].

Existiu um esforço por parte da produção intelectual veiculado pelo jornal em afastar o Cariri do sertão, até mesmo do Ceará em alguns casos. No entanto, o Cariri cearense clamava por socorros e necessidades que eram as mesmas da outra parte do estado, as mesmas necessidades dos sertões que estavam ao seu entorno. Apresentar os sertões enquanto vizinhos colaborou para a ideia de oásis gestada ainda no século XIX pelas elites senhoriais, que fizeram uso desse discurso enquanto instrumento político, como nos sugere Darlan de Oliveira Reis Junior (2014). O desejo era criar fronteiras entre uma zona privilegiada e o seu entorno, embora as condições administrativas fossem semelhantes, os problemas os mesmos e as posições geográficas se unissem.

As representações dos sertões mediadas pelo grupo, que ora se referia aos “nossos sertões”, no número seis, e em seguida apresentou “esses sertões dos estados circunvizinhos”, na edição de número sete, se amparou nos recursos naturais e em condições climáticas mais que em elementos geográficos, condições de organização administrativa, relações econômicas, percepções espaciais ou sociais. Desse modo, a concepção de sertão veiculada pelo grupo, associou o sertão diretamente à seca, terras áridas e improdutivas, áreas sem vegetação verde, escassez de água, entre outros elementos que caracterizam uma área com poucos recursos naturais. Produzir e fazer circular representações essas para diferenciar o sertão do Cariri se

tornava uma linha tênue, pois como Darlan de Oliveiras Reis Junior (2014, p. 33) nos indica, mesmo com os discursos em torno dos elementos naturais do Cariri aquela região era composta em grande parte pelas chamadas “terras secas”, solos não propícios para a agricultura.

A própria agremiação reconhecia o problema de amparar uma identidade para a região do Cariri nos elementos naturais.

Todos conhecem, todos clamam que hoje em nossos dias, já não é o Cariry tão fértil, tão abundante, tão productivo como há meio século atrás – os rios eram profundos e caudalosos, os brejos eram tantos que em muitas partes não se prestavam ao plantio da canna visto serem pantanos inacessíveis, charcos extensos, e somente, nos terrenos laterais e mais elevados vicejavam vigorosos canaviais e verdejantes searas; por toda parte força e vigor, e a floresta virgem estendendo-se por vales e serras em toda sua pujança e vigor atestava a feracidade do solo (A LIÇA, 26/08/1903, nº 9, p.1).

A ideia de que o Cariri estava perdendo sua pujança e vigor na paisagem do mundo natural deixava-o mais próximo da possibilidade de ser sertão. Possibilidade que inquietava os intelectuais e os levaram a construir identidades cada vez mais definidas para aquela espacialidade e considera-la de outras maneiras, que não sertaneja.

Naquele momento, construir a cidade do Crato, assim como o Cariri, enquanto um espaço não sertanejo era abrir espaço para outras possibilidades naquele território, poderia ser então, intelectualizado, moderno, civilizado e conter mais alguns elementos do viver moderno. Desse modo, os Romeiros do Porvir, enquanto grupo, construíram para si a identidade de um grupo que contribuía para o desenvolvimento daquela região. Recorreram, muitas vezes, a outros intelectuais para se apontarem enquanto “moços distintos” naquele meio. Os clubistas comunicavam conhecimento e cultura, em contrapartida, uma elite letrada e de “bom gosto” qualificavam aquelas produções como sendo dignas de representar o meio intelectual da cidade. Logo, os enunciados apresentados pelos membros do grupo nos leva a entender que, naquele contexto, as letras foram lidas como estratégia de distanciar o Cariri do Sertão: ser letrado não combinava com sertanejo. Embora, outras especialidades sertanejas, no mesmo período, apresentassem atividades intelectuais semelhantes, como o caso, dos trabalhos de Maria de Fátima Novaes Pires (2011) e Valter Gomes de Oliveira (2015), e não tenham tensionado, a partir da produção intelectual, esse distanciamento com o sertão, nem tampouco reduzido o sertão a uma unidade física, climática, paisagística, material e intelectual.

Considerações finais

As representações dos sertões, assim como as próprias espacialidades que esse conceito nomeia, são plurais e alvo de disputas. Nesse trabalho, buscamos entender como se constituíram representações em torno dos sertões a partir da publicação do Jornal *A Liça* (1903) órgão do

Club Romeiros do Porvir. Destacamos, sempre que possível ao longo do texto, como a noção de sertão/sertões foi veiculada pelo jornal e pelos intelectuais; quais os elementos foram eleitos para se elaborarem e circularem sentidos em torno desses termos; e, como os intelectuais da agremiação interpretaram a categoria de sertão em suas relações com as noções de Cariri cearense.

O trabalho ainda propõe apontamentos para a construção de uma História Intelectual dos Sertões a partir de um estudo de caso específico. Para além de problematizar as definições de sertões aprofundamos as discussões em torno das ideias de intelectuais nesses espaços. A partir de uma realidade sertaneja buscamos mobilizar um conjunto de leituras que podem ajudar a compreender outras realidades, outras experiências “sertanejas”. Embora alguns espaços não tenham sido nomeados de sertão, ou sertões, tiveram experiências em comuns.

Neste trabalho, ainda tratamos de alimentar as possibilidades de uma História dos Sertões, como área específica de estudos, definida desde os sertões. Essas proposições estão alocadas no movimento que a historiografia brasileira tem passado nos últimos anos. Esta proposta dialoga com a área de História Social dos Sertões, que vem sendo definida desde a publicação de obras como “Capítulos de História Social dos Sertões”, publicada no ano de 2017, organizada pelos historiadores Tyrone Apollo Pontes Cândido e Frederico de Castro Neves e “História Social dos Sertões” organizada por Darlan de Oliveira Reis Junior, Ana Sara Cortez Irffi, Maria Arleilma Ferreira de Sousa e Antônio José de Oliveira, publicada no ano de 2018.

Esse movimento historiográfico ainda nos ajuda a entender, e é justificado, pela própria compreensão de sertão que nos chega à contemporaneidade. O sertão não é mais visto como uma unidade indivisa, realidade homogênea, paisagem única, recorte espacial presidido pela semelhança e pela identidade. Ele é enunciado no plural. Os sertões anunciados como pertencentes também ao tempo presente é um gesto político que nos ajuda, sobretudo, a se distanciar da ideia de sertão como lugar isolado, associado à seca, à pobreza material e intelectual.

Referências

A LIÇA. Crato, n. 01, 08 de julho, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 02, 15 de julho, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 03, 22 de julho, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 04, 29 de julho, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 05, 05 de agosto, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 06, 12 de agosto, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 07, 19 de agosto, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 08, 26 de agosto, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 09, 02 de setembro, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 10, 09 de setembro, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 11, 16 de setembro, 1903.

A LIÇA. Crato, n. 12, 23 de setembro, 1903.

ALBUQUERQUE, Soriano. O Cariry. In: ALMANACHE ADMINISTRATIVO, ESTATÍSTICO, MERCANTIL, INDUSTRIAL E LITTERARIO DO ESTADO DO CEARÁ PARA O ANO DE 1905. Fortaleza: Empreza Typographica, 1904, p.167-168.

ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de Historia Intelectual y otros ensayos*. 1º Ed. Buenos Aires: Siglo XXI editores Argentina, 2005.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.8, n.15, p. 145-151, 1995.

BARTELT, Dawid Danilo. *Sertão, República e Nação*. Tradução de Johannes Krestschmer; Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

BONATO, Tiago. *O olhar, a descrição: a construção do sertão do Nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783- 1822)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná (Departamento de História), Curitiba, 2010.

BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato Intelectual: Dados Bio-Bibliográficos*. 1º edição. Crato: Coleção Itaytera, 1995.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes; NEVES, Frederico de Castro. Introdução. In: CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes; NEVES, Frederico de Castro. (Orgs.) *Capítulos de História Social dos Sertões*. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura Editorial, 2017.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

GOMES, Angela de Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Introdução. In: GOMES, Angela de Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos (ORGs). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

MÄDER, Maria Elisa. Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 12, n. 3, p. 262-270, 2008.

MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d'os Sertões*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapernig, 2007.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural, *Politéia: História e Sociedade*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

OLIVEIRA, Antonio José de. *Os Kariri-resistências à ocupação dos sertões dos Cariris Novos no século XVIII*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. A natureza na interpretação do Oeste: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero (Orgs). *Vastos sertões: história e natureza na ciência e na literatura*. 1º ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015, p. 21-40.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. “Vivemos identificados com a civilização, dentro da civilização”: autoimagens urbanas nos sertões da Bahia. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 35, n. 69, p. 301-318, 2015.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. Hommes de Lettres na “Corte do Sertão”: João Gumes e a escrita social. *Revista Veredas da História*, v. 4, n. 2, p. 151-169, 2011.

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. *Senhores e trabalhadores no Cariri cearense: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira; ARAÚJO, Fatiana Carla. As letras e a luta social no século XIX: por uma História Social dos Sertões. In: REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira; IRFFI, Ana Sara Cortez; SOUSA, Maria Arleilma Ferreira de; OLIVEIRA, Antônio José de (Orgs.). *História Social dos Sertões*. Curitiba: CRV, 2018, p. 85-98.

SALGUEIRO, Eduardo de Melo. Fugindo do estigma: visões sobre Mato Grosso nas páginas da Série Realidade Brasileira e da revista Brasil-Oeste. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 24, p. 269-300, 2017.

SANTOS, Evandro dos. Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e “velhas” epistemologias. *Sæculum – Revista de História*, João Pessoa, v. 24, nº 41, p. 441-452, 2019.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 231- 269.

¹ Essa pesquisa, publicada neste artigo, é parte integrante da dissertação de mestrado em andamento do Programa de Pós-Graduação em História dos Sertões da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – CERES/UFRN.

Agradecemos a CAPES pelo financiamento da pesquisa e a Professora Paula Rejane Fernandes pela orientação do trabalho.

² A cidade do Crato fica localizada na região do Cariri cearense e compõe a Região Metropolitana do Cariri (RMC). A população estimada no ano de 2019 foi de 132.123 pessoas. A cidade fica a 572 km da Capital do estado, Fortaleza.

³ Kariri é a designação da principal família de línguas indígenas do sertão do Nordeste do Brasil. “Hoje, no Cariri cearense, os Kariri que ali vivem ainda resistem aos elementos pós-modernos de homogeneização cultural, especialmente em relação aos poucos traços de sua rica cultura material e imaterial e da memória de sua ancestralidade” (OLIVEIRA, 2017, p. 25).

⁴ Um dos significados que a palavra órgão pode expressar dentro do período em estudo diz respeito às publicações periódicas ligadas a um grupo ou entidade. Enquanto publicação de um grupo, o órgão, nesse caso o jornal *A Liça*, estruturou em torno de sua produção, edição e circulação uma comunidade interpretativa. Como nos sugere Roger Chartier (1990, 2002), estruturar essa comunidade de sentidos é compartilhar de referenciais e formas de entender as ideias.

⁵ Soriano de Albuquerque (Água Preta-PE, 8 de janeiro de 1877 – Fortaleza-CE, 5 de setembro de 1914). Bacharel pela faculdade de Direito de Recife, em 1899; foi para Crato-CE em 1900 como juiz substituto. Fundou o colégio Leão XVIII. Foi redator do jornal *A Cidade do Crato* e um dos fundadores do Club Romeiros do Porvir. Escritor do romance “O Cariry”, parcialmente publicado.

⁶ José Alves de Figueiredo (Crato-CE, 28 de abril de 1878 – Crato-CE, 25 de fevereiro de 1961) era conhecido por Zuza da Botica. Foi jornalista, poeta, escritor e farmacêutico. Fundou na cidade do Crato o jornal *Sul do Ceará* e *Crato-Jornal*, foi ainda redator do jornal *A Liça* além de colaborações em outros jornais da cidade. Escritor do livro “Ana Mulata (Contos e Crônicas)”.

⁷ As fontes usadas neste artigo foram transcritas da forma em que são encontradas no original. Foram preservadas as grafias e pontuações.

⁸ Frases que se repetiram no cabeçalho do jornal durante todos os números que tivemos acesso. De acordo com o acervo consultado é possível perceber que esse jornal circulou no ano de 1903, onde acessamos os números do 01 ao 12, na Biblioteca Pública Municipal Governador Menezes Pimentel, Fortaleza, Ceará.

⁹ Frase que aparece no cabeçalho do jornal *A Liça* para se referir aos membros do Club Romeiros do Porvir.

¹⁰ Para entender a construção dessas dicotomias consultar: AMADO (1995); NEVES (2003).

¹¹ Nas últimas décadas do século XIX iniciou a incursão do trem no sertão cearense por meio da Estrada de Ferro de Baturité, sua finalização no ano de 1926 marcou sua chegada à cidade do Crato (CE), ponto final desta Linha Férrea. O tráfego ferroviário foi extinto no Crato no ano de 1988.

¹² Sobre a história das secas no Ceará ver: NEVES (2000).

Artigo recebido em 01 de fevereiro de 2020
Aceito para publicação em 07 de maio de 2020